

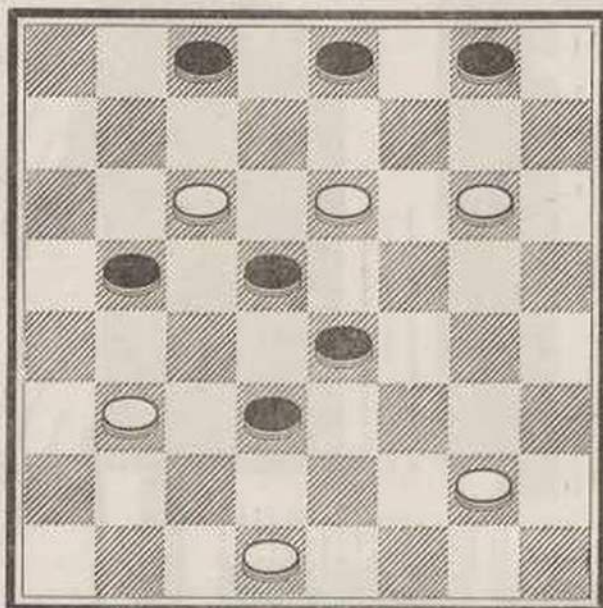
BOLETIM DA C. P.

PUBLICAÇÃO MENSAL

DA DIRECÇÃO GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO PESSOAL

Problemas recreativos

1 — Damas:



2 — B.: — 2. 5. 12. 18. 24. 23
P.: — 11. 19. 20. 24. 25. 31. 32

3 — B.: — 1. 2. 3. 9. 11. 15
P.: — 16. 17. 20. 23. 24. 26. 27

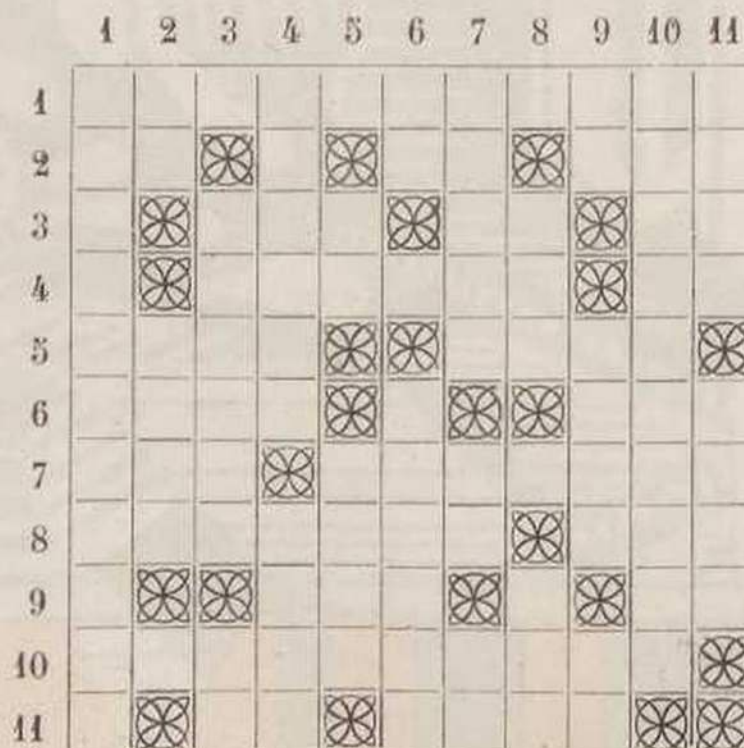
4 — B.: — 1. 6. 14. 16. 19. 27
P.: — 7. 9. 13. 21. 24. 25. 29

5 — B.: — 2. 6. 9. 10. 12. 21
P.: — 18. 24. 25. 27. 28. 31. 32

6 — B.: — 2. 3. 11. 12. 19. 23
P.: — 10. 17. 18. 25. 26. 29. 30

Jogam as brancas e ganham.

7 — Palavras cruzadas:



Horizontais: 1 — Vento contrário; 2 — vento, disparatei, ave galinácea (Brasil); 3 — declama, embaraço, vento; 4 — vento, grande quantidade; 5 — que se faz cada dia (inv), cantor; 6 — «mulhera», «mulhera»; 7 — hora do ofício divino

vento que sopra do Ocidente; 8 — discurso suave, rio de Portugal (inv); 9 — vencimento diário de um soldado (inv), ligação; 10 — vento; 11 — eia, homem da rua.

Verticais: 1 — Discurso contra alguém; 2 — letra grega (inv), vento forte das Filipinas; 3 — enferrujar-se, crédito; 4 — discurso extenso, vara grossa de jogar a choca (inv); 5 — vento, gênero de peixe acantopterigio; 6 — o mais, nascer; 7 — enrugado, nada, simples; 8 — oriental (inv), fútil; 9 — sincero, perda, filha de Ismene; 10 — vento do norte; 11 — dinheiro, poeta.

8 — **Charadas paragógicas** (1) — (2-3): — Não é «sua» a vida se muito «lida».

*

9 — A vida só aborrece se o abatimento aparece.

*

10 — Quem estafa o tempo «estafa» a fortuna.

*

11 — Aquele que *importuna* não sente a *opressão* que causa.

*

12 — Nenhum preguiçoso se *afadiga* com a *lassidão* do seu trabalho.

*

13 — Quem tem dinheiro não *moe* a *mioleira* nem tem *canseira*.

*

14 — Menos *molesta* o labor da ciência, que o *langor* da indolência.

*

15 — Mais se *fatiga* o rico ocioso pensando, que *fadiga* sente o pobre trabalhando.

*

16 — O bom trabalhador nunca *cessa* de trabalhar com *afan*.

17 — **A caldeira** — Calcular a capacidade de uma caldeira paralelepípeda, cujas arestas concorrentes estão em progressão aritmética, sabendo-se que a soma destas, medidas interiormente, é de 18 metros e a área total de 208^{m²}.

(1) Em gramática chama-se *paragoge* à adição de uma letra ou de uma sílaba no fim de uma palavra.

A charada *paragógica* filia-se, pois, nesta figura gramatical. Para o nosso caso, o acrescentamento será sempre silábico.

Portanto, ao sinónimo do vocábulo do 1.º conceito adicionar-se á a sílaba conveniente para produzir o sinónimo do vocábulo do 2.º conceito.

Ex: — A vida do *peralta* mandrião faz *confusão* — 2-3.
Solução: — salsa — salsada (cf. C. F.).

(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA C.P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA

PROPRIEDADE
DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

DIRECTOR
O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Engenheiro *Alvaro de Lima Henriques*

ADMINISTRAÇÃO
LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação
de Santa Apolónia

Editor: Comercalista *Carlos Simões de Albuquerque*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

SUMÁRIO: Curiosidades do nosso tráfego. — A escola de aprendizes no Entroncamento. — Crónica Agrícola. — Consultas e Documentos. — Factos e Informações. — A nossa casa. — Pessoal.

Curiosidades do nosso tráfego

A Cortiça

Pelo Sr. Comercalista *Francisco Cândido dos Reis*, da Divisão da Exploração

UM dos problemas mais importantes da economia nacional, é, sem dúvida, o corticeiro. O seu estudo económico é dos mais complexos, pois abrange, ao mesmo tempo, aspectos essenciais de exploração agrícola, de tecnologia fabril e de organização mercantil.

Abrange, também sob o ponto de vista social, uma classe imensamente numerosa, que vive exclusivamente à custa desta maravilhosa matéria prima.

Influe na nossa balança de comércio e, implicitamente, na nossa balança de pagamentos, podendo dizer-se, com orgulho, que somos o maior produtor mundial, pois a nossa produção é de cerca de 140.000 toneladas anuais, ultrapassando, em muito, o

segundo país produtor, a Espanha, com as suas 83.000 toneladas anuais.

* * *

Desde tempos remotos, os portugueses deram o maior do seu esforço em prol do desenvolvimento agrícola do país.

Quando da fundação da nacionalidade, (século XII), já existia o sobreiro, que devido às condições climáticas e à natureza do solo lhe serem favoráveis, se desenvolvia espontaneamente, sendo o seu «habitat» precisamente na parte ocidental da zona mediterrânea.

Além deste factor, também veio contribuir para o desenvolvimento do sobreiro em Portugal a instituição de coutadas, pela qual,

nas terras por ela abrangidas, era vedado a outros exercerem qualquer espécie de actividade, como a caça, a pesca, o corte de madeiras, a colheita de frutos e a apascentação de gados.

Todavia, nos primeiros tempos da nossa nacionalidade, o sobreiro era uma espécie que interessava apenas pelo valor alimentar do seu fruto, passando a constituir um produto de grande utilidade, pela sua madeira, na época em que, a partir de D. Fernando, pela segunda metade do século XIV, Portugal se orientou no sentido do mar, com o conseqüente acréscimo das suas construções navais. Só depois surgiu interesse pelo seu prestimoso revestimento.

Com as descobertas começou a estabelecer-se uma corrente intensa de trocas, fazendo-se a exportação da cortiça para os países europeus, principalmente a Flandres, em regime de monopólio, concedido em 1456, por D. Afonso V a Martim Leme, mercador português residente em Bruges.

Aquêle regime manteve-se durante muito tempo, a-pesar-dos protestos dos agricultores, que, impossibilitados de a venderem directamente para o estrangeiro, se viram na necessidade de a entregar por preço muito baixo aos detentores do monopólio, até que no último quartel do século XV, no reinado de D. João II, êsses clamores atingiram tal grau que o rei se viu na necessidade de o abolir.

A partir do século XIX a política corticeira adquiriu nova feição com a introdução da indústria rolheira, pois ainda no século XVII a cortiça era utilizada unicamente nos aparelhos de pesca e boias de salvação e para a construção de cortiços para colmeias.

Em Portugal, foi a indústria rolheira introduzida por operários catalães que primeiramente se estabeleceram em Santiago do Escoural, aldeia alentejana situada junto de Montemor-o-Novo, tendo daquela localidade irradiado para S. Brás de Alportel, Grândola e Monchique, instalando-se fábricas corticeiras junto de tôdas as regiões produtoras e, principalmente, nos portos fluviais do estuário do Tejo e na foz do Douro.

O consumo de rôlhas foi aumentando pro-

gressivamente; para isso contribuiu o grande desenvolvimento da indústria vinícola, e, de um modo geral, de tôdas as bebidas alcoólicas e fermentadas, e o seu uso fez com que incidissem sobre as cortiças aturados estudos e ensaios que deram a conhecer as suas propriedades, de que resultaram novas aplicações.

No final do século XIX, pela força imperativa da lei, que apenas permitia a exportação da cortiça quando nela estivesse incorporada determinada parcela de trabalho nacional, é que surgiu a indústria de preparação da cortiça, isto é, a indústria da prancha.

Presentemente, a obra realizada entre nós no domínio industrial tem sido enorme, não só sob o ponto de vista propriamente industrial como, também, sob o ponto de vista de investigação laboratorial de tôdas as suas propriedades⁽¹⁾. A medida que estas se foram tornando conhecidas no nosso meio industrial, intensificou-se a aplicação da cortiça, abrindo-se novos horizontes à actividade industrial. Assim, para o aproveitamento das cortiças delgadas appareceu nova forma de vedar as garrafas: os discos de cortiça, que, applicados juntamente com as cápsulas de fôlha de Flandres, desempenham o papel de almofadas impermeáveis. Contudo, o disco não desalojou a rôlha do lugar que esta occupava, porquanto aquêle só pode ser empregado na vedação de vasilhas contendo líquidos destinados a permanecerem engarrafados por espaço de tempo relativamente curto.

Algumas das nossas fábricas, aproveitando as cortiças fracas e as aparas provenientes das rôlhas e da prancha fabricam a cortiça granulada e a serradura de cortiça empregadas na embalagem de frutas e na fabricação de lincustras, linóleos e aglomerados, fabricando-se, também, com a cortiça: papel; tiras para revestir a extremidade dos

(1) O tecido suberoso é extremamente leve (um decímetro cúbico de matéria prima preparada pesa, em média, 160 gramas); é impermeável aos líquidos e aos gases; compressível; elástico, imputrescível; mau condutor do calor, da electricidade e do som.

cigarros; palmilhas; bilhetes postais; cartões de visita; lã, empregada com inigualável vantagem no enchimento de colchões e almofadas; etc.

A fabricação de aglomerados encontra-se bastante desenvolvida em Portugal, marchando na vanguarda de tôdas as manufacturas suberícolas, pois, dia a dia, nos diferentes sectores da vida humana a sua aplicação vai aumentando, não só nos revestimentos, como também nos isolamentos higrométrico, térmico, vibratório, etc.

Vejamos agora, em rápidas linhas, o que tem sido o tráfego de cortiça na nossa rede. Os «Resumos Estatísticos» — publicação anual da Companhia — dão-nos os seguintes números, no que se refere à tonelagem de cortiça transportada em pequena velocidade, nas três redes, de 1920 até 1943.

	A. R.	M. D.	S. S.	Total geral
1920.....	29.128	-	-	-
1925.....	43.121	-	-	-
1930.....	43.466	220	72.408	116.094
1935.....	48.674	636	61.483	110.793
1941.....	79.113	5.308	107.084	191.508
1942.....	24.115	3.551	34.703	62.369
1943.....	16.969	2.195	20.070	39.234

Não damos as quantidades transportadas nas redes do Minho e Douro e do Sul e Sueste, em 1920 e 1925, em virtude de, ao tempo, aquelas linhas serem exploradas pelo Estado.

Estabeleçamos o confronto entre o custo da cortiça e o preço do seu transporte em pequena velocidade, a 100 quilómetros, na Antiga Rede.

	Custo por tonelada	Preço de transporte	Percentagem
Cortiça em bruto enfiada	2.000\$00	48\$32	2,4 %
Cortiça em prancha	5.000\$00	54\$13	0,1 %
Cortiça em quadros	7.000\$00	62\$72	0,8 %
Cortiça em rolhas.....	12.000\$00	62\$72	0,5 %
Aglomerados de cortiça para pisos ou revestimentos	15.000\$00	48\$99	0,3 %

Estas percentagens dão bem uma ideia do pequeno encargo que, para o preço no lugar de consumo, representa o transporte por caminho de ferro.



Campolide

A escola de aprendizes no Entroncamento

Pelo Sr. Eng.^o José Alfredo Garcia, da Divisão do Material e Tracção

O estádio actual da indústria, sendo caracterizado, principalmente, pela organização científica do trabalho, tornou necessária a preparação adequada e completa do operário de forma que o torne um elemento consciente e perfeitamente conhecedor da sua missão.

Dadas, porém, as diversas características

escolas de aprendizes, com o fim de obterem, no mais curto espaço de tempo possível, operários com a melhor preparação para o bom desempenho das suas funções.

Não são novas, nas Oficinas da Divisão do Material e Tracção, as escolas de aprendizes. No entanto o método de ensino que



Grupo de aprendizes que frequentaram o 1.^o ano, em 1943, e cujos trabalhos figuraram na recente exposição, acompanhados do Engenheiro e do Chefe da brigada da escola.

de cada indústria, é obvio que não basta a preparação obtida nas Escolas Industriais para o bom desempenho dessa missão, pois nestas o ensino tem que dotar-se de um carácter geral, visto que em regra o aluno desconhece qual a actividade que irá desempenhar quando terminar o seu período escolar.

Por esta razão, em todas as nações industriais as grandes empresas têm criado

hoje se segue, foi introduzido pela primeira vez nas Oficinas do Barreiro em 1942.

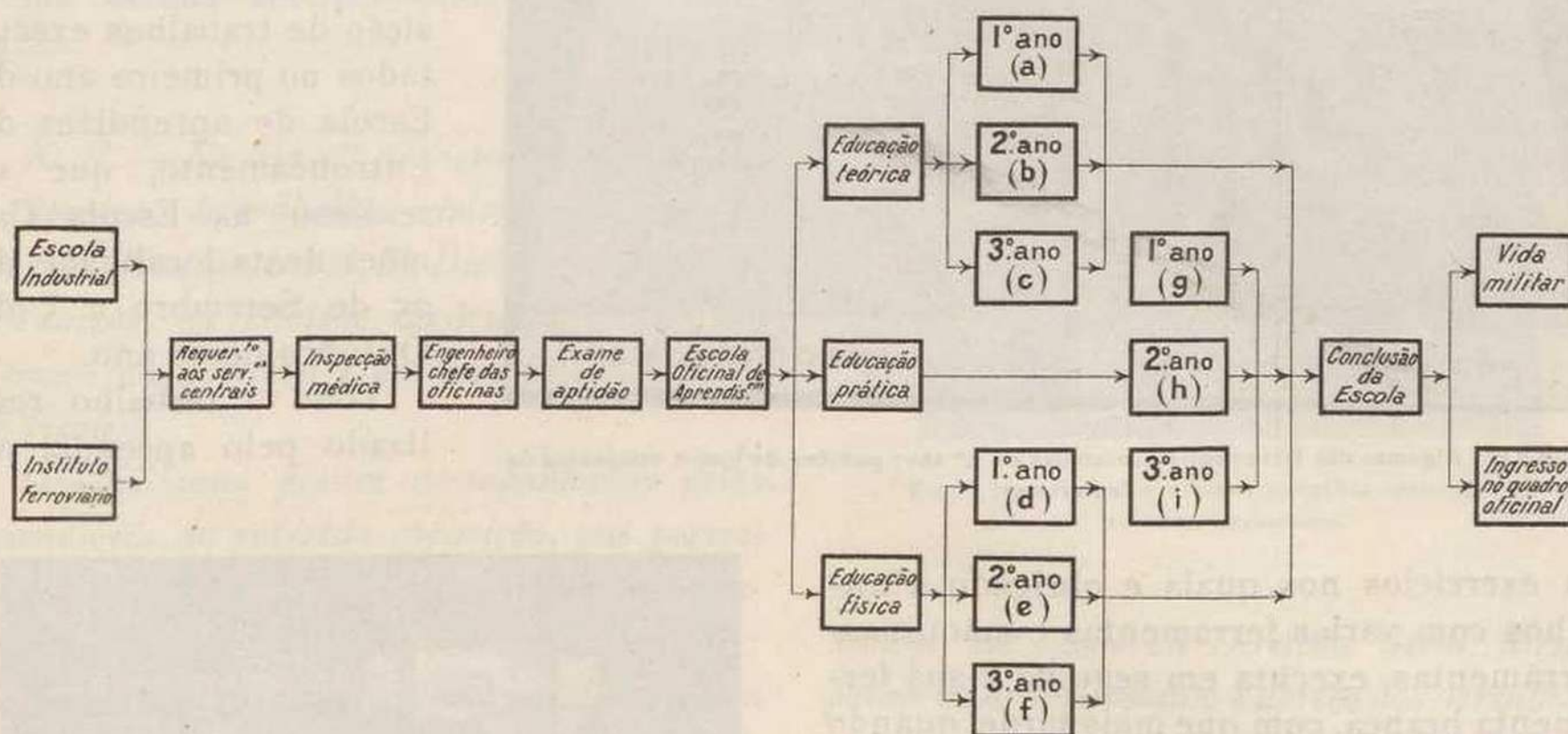
Os resultados aí obtidos no fim do primeiro ano excederam em muito o que se poderia esperar. Com efeito, verificou-se que se obtinha com este método rendimento muito superior ao obtido com os métodos até então seguidos e maior preparação profissional dos aprendizes.

Os trabalhos da Escola das Oficinas do

Entroncamento iniciaram-se em 15 de Abril de 1943 e novamente aqui, como já tinha acontecido em Barreiro, se verificou a superioridade do novo método, pelos bons resultados obtidos.

No segundo e terceiro anos é dado o desenho de máquinas.

A instrução prática é ministrada por um graduado cujas qualidades morais e profissionais sejam reconhecidas e que acompanha



(a) — Aritmética, Geometria, Física, Química e Desenho. (b) — Álgebra, Geometria, Física, Química e Desenho. (c) — Lições de Tecnologia, Série de Conferências e Desenho. (d), (e) e (f) — Desportos. (g) — Exercício de Cerralharia, Registo do caderno oficial, Leitura do manual «O cerralheiro». (h) — Estágio em todas as secções, relatórios, leitura de diferentes manuais. (i) — Trabalhos correntes da oficina, apontamentos, leitura de obras de instrução profissional.

O curso de aprendizagem é feito em três anos dividindo-se em três partes a instrução ministrada em cada ano: instrução teórica, prática e física.

A instrução teórica, em geral ministrada pelo engenheiro encarregado da escola, consta de lições elementares, principalmente orientadas no sentido de dar aos futuros operários os necessários elementos para a resolução dos variados problemas que lhes possam aparecer no decorrer da sua vida profissional.

Na parte relativa a desenho, também incluída na instrução teórica, são dados, no primeiro ano, elementos de desenho linear.

permanentemente todo o trabalho dos aprendizes.

O primeiro ano de instrução prática consta principalmente de trabalhos de cerralharia. O aprendiz, principiando por executar diver-

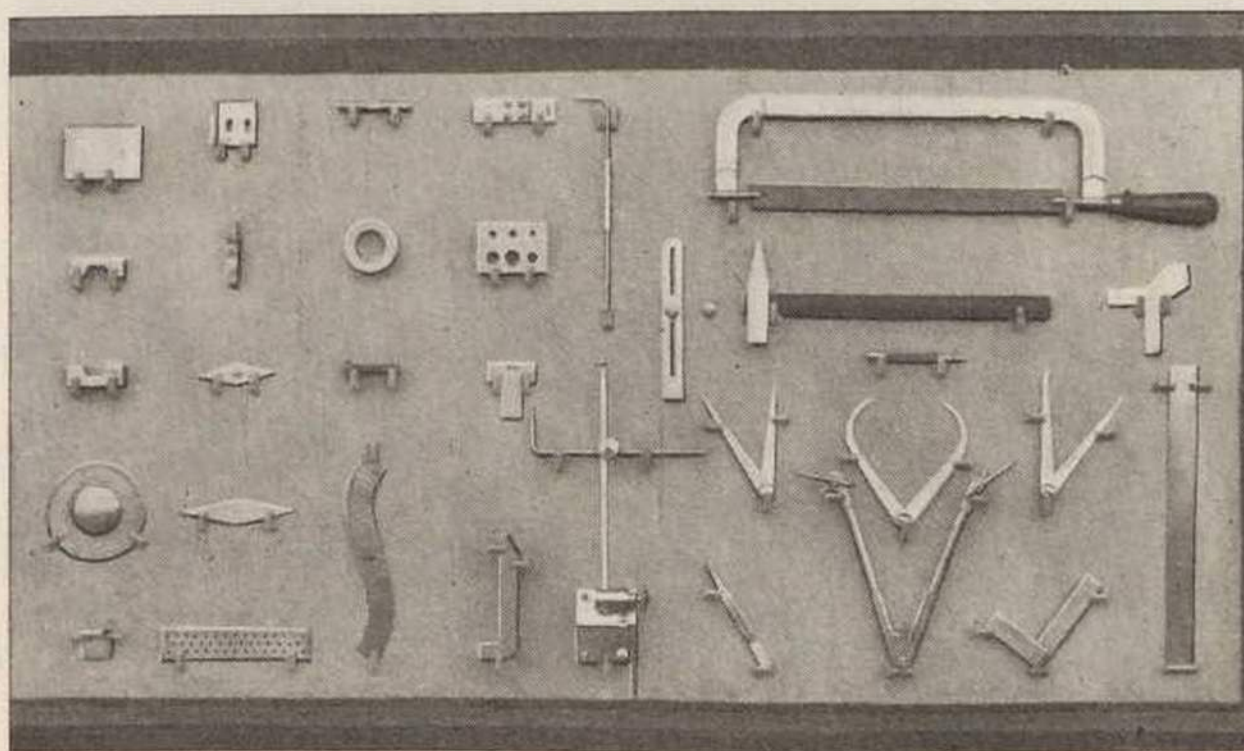


Fig. n.º 1 — Quadro de exercícios e ferramentas, executados no 1.º ano

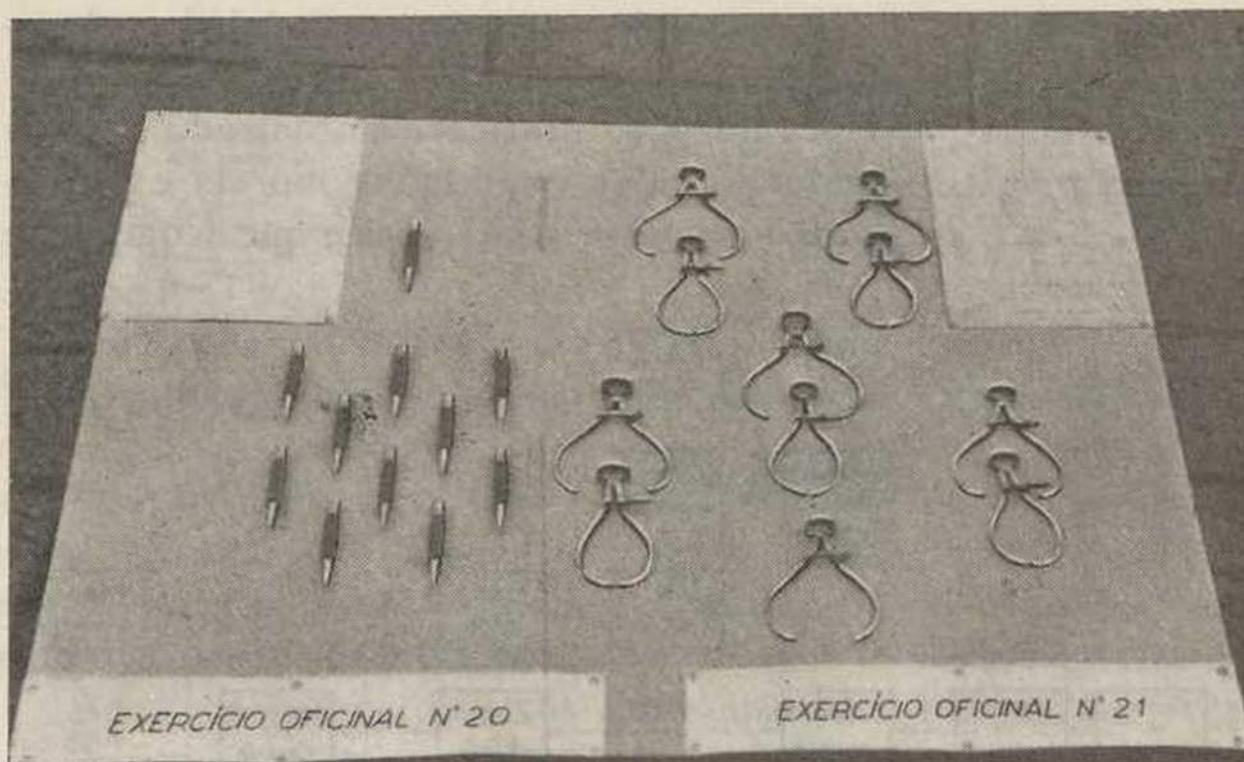


Fig. n.º 2—Algumas das ferramentas executadas no 1.º ano: punções de bico e compassos de exteriores.

sos exercícios nos quais é obrigado a trabalhos com várias ferramentas e máquinas-ferramentas, executa em seguida a sua ferramenta branca, com que mais tarde, quando passar a operário, trabalhará na Oficina.

Tanto para os exercícios como para as ferramentas são previamente feitos os desenhos, nos quais se indicam também a marcha das operações para a execução do trabalho e as ferramentas necessárias para esse efeito.

Vê-se na fotografia n.º 1 um quadro com o conjunto dos exercícios e ferramentas que

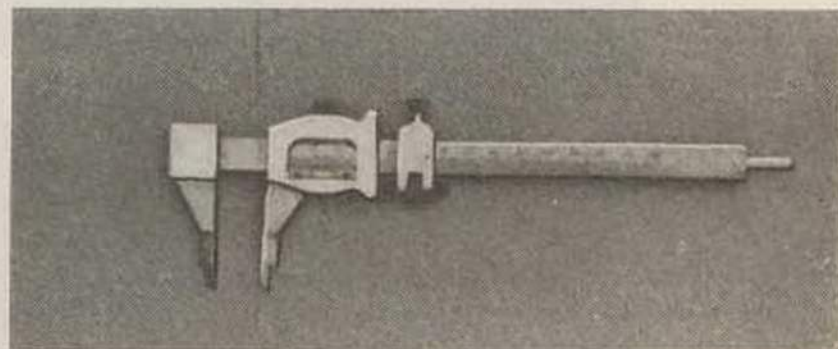


Fig. n.º 4—Craveira. Trabalho executado pelos aprendizes mais adeantados.

primeiro ano é por ele registado no seu caderno oficial onde igualmente colecciona todos os seus desenhos e apontamentos.

Isto incute no aprendiz hábitos de ordem e método.

No segundo ano de instrução prática, os aprendizes percorrem as diferentes secções das oficinas em cada uma das quais demoram mais ou menos tempo, consoante a importância dessas secções. Findo o estágio em cada secção, é o aprendiz submetido a exame no local onde trabalhou e obrigado à apresentação de um relatório do estágio nessa secção.



Fig. n.º 3—Outra ferramenta executada no 1.º ano: compasso de círculos

Ao fim dêste segundo ano está-se em condições de determinar quais as secções em que o aprendiz mostrou melhor aptidão, de acôrdo com as necessidades do serviço; no terceiro ano, será o aprendiz colocado numa dessas secções onde se especializará.

N. R. — No dia 28 de Setembro findo, foi a exposição de trabalhos visitada por deputações da Direcção Geral, da Divisão do Material e Tracção, da Divisão da Via e Obras, do Serviço do Tráfego e do Serviço de Saúde e de Higiene

Os visitantes foram acompanhados pelos promotores da referida exposição, que pormenorizadamente os elucidaram sobre os diferentes trabalhos apresentados.

De quanto viram, ficaram os visitantes com a melhor impressão; no final, o Sr. Vasco de

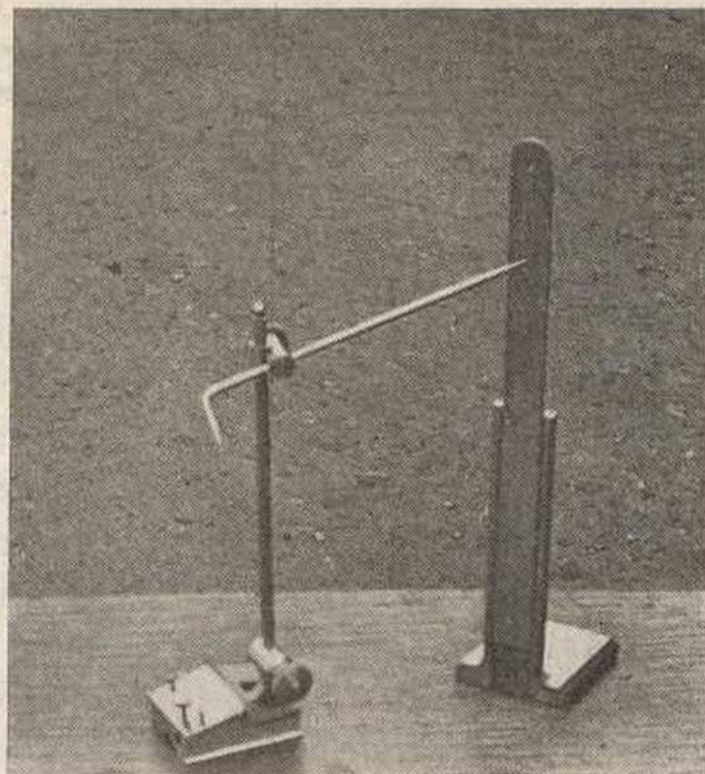


Fig. n.º 5 — Um dos últimos trabalhos realizados no 1.º ano: o graminho.

Moura, em nome da Direcção Geral, dirigiu palavras de incitamento e aprêço aos aprendizes, e de louvor aos seus instrutores.

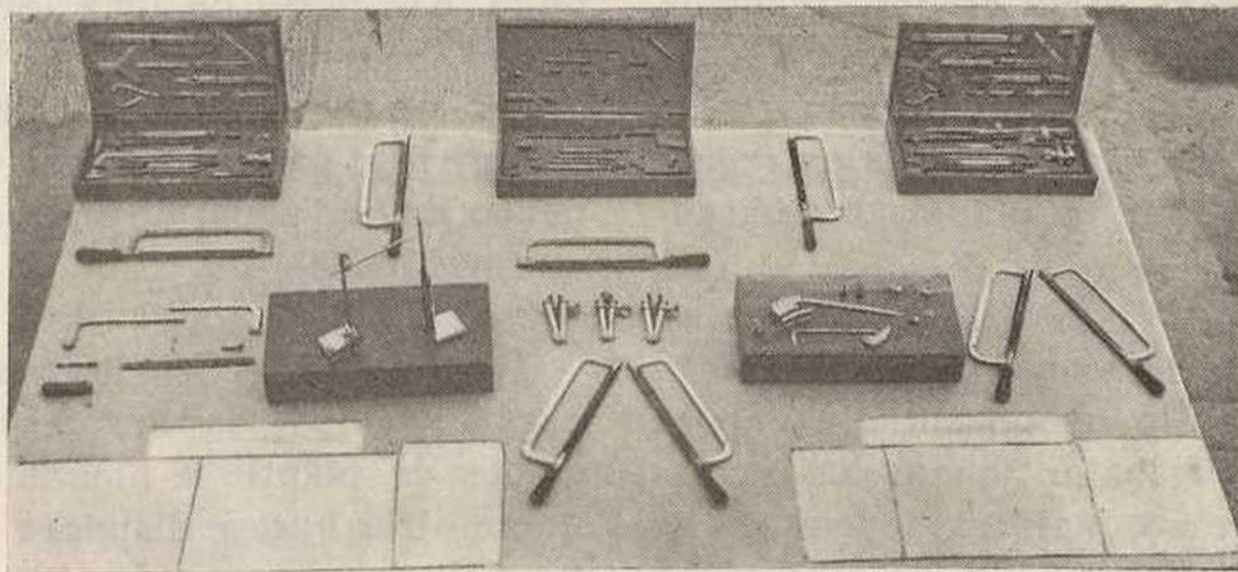


Fig. n.º 6 — Podem vêr-se os serrotes, graminhos (um dos quais desmontado), tornos de mão e caixas de ferramenta.

Dizia Seneca que assim como aquele que tem um espinho no pé, em tôda a parte pisa espinhos, assim também ao entendimento estéril, tôda a matéria é estéril.

Crónica Agrícola

Pelo Sr. Engenheiro Agrónomo, *António da Cunha Monteiro*

NESTA crónica vamos resumir as principais operações a que deve obedecer a cultura de árvores de fruto e cujos trabalhos podem realizar-se na época que vai do outono ao princípio de inverno. É durante este período que se verificam, dum modo geral, as melhores condições para a plantação de árvores, trabalhos de poda, e aplicação de tratamentos com o fim de proteger as árvores de grande número de doenças que as atacam.

Indicamos apenas as regras mais simples que possam ser compreendidas e aplicadas por qualquer pequeno cultivador, sem a preparação que seria necessária para dirigir uma exploração arborícola.

Plantações:— É esta uma das principais operações a fazer na cultura das árvores e, da maneira cuidada como ela fôr executada depende em grande parte, o futuro das árvores e sua conseqüente produção.

A seguir mencionamos apenas as regras fundamentais a usar na plantação de árvores:

— A abertura das covas para a plantação deve fazer-se muito tempo antes da época destinada a esse trabalho; quanto mais compacto fôr o terreno, maiores devem ser as covas. Em qualquer caso, é de aconselhar que as suas dimensões não sejam inferiores a 1 metro cúbico.

— As árvores transplantadas do viveiro devem permanecer fóra da terra o menos tempo possível e não devem ter mais de 3 anos nem apresentar sinais de doença.

— No acto da plantação cortam-se as raízes e os ramos magoados durante o arranque ou transporte.

— Convém calcar bem a terra sobre as

raízes. O estrume deve ser bem curtido e não deve ficar em contacto com as raízes, mas sim no fundo da cova. A ligação do tronco com as raízes deve ficar ao nível do terreno, e não enterrada.

Podas:— É sem dúvida uma das operações mais delicadas a executar e as suas vantagens dependem do grau de conhecimentos técnicos do indivíduo que proceda aos trabalhos.

Enquanto as árvores são novas, as podas devem ter como fim, dar-lhe, apenas, uma forma regular, distribuindo os ramos para formar uma copa tanto quanto possível simétrica. Convém, geralmente, cortar as extremidades dos lançamentos para obrigar a ramificação.

A poda de conservação feita depois, em regra, não passa de uma leve limpeza dos ramos secos ou doentes.

Em relação a estes trabalhos convém ter sempre bem presente de que vale mais podar pouco, do que podar de mais, e não podar, do que podar mal.

Tratamentos:— São de grande importância para a sanidade das árvores de fruto as condições de plantio e amanho mas isto não quer dizer que se dispense os tratamentos fungicidas e insecticidas.

Deve proceder-se a uma limpeza geral das árvores, raspando os troncos para os libertar de musgos e líquenes aplicando em seguida calda bordalesa, sobre o tronco e ramos.

Os tratamentos preventivos das fruteiras estão condicionados à época em que são aplicados e, por isso, nesta crónica apenas indicamos os que se efectuam durante o período de repouso vegetativo das árvores (outono-inverno).

Nos alpercheiros, amendoeiras, cerejeiras, pessegueiros, pereiras, macieiras e figueiras,

convém aplicar emulsão de petróleo em calda bordalesa.

Esta emulsão é composta do seguinte:

Petróleo	10 litros
Sulfato de cobre	2 kg.
Cal viva	4 kg.
Água	90 litros

Modo de preparar esta calda:— Pode empregar-se o petróleo, o gás-oil ou qualquer óleo miscível. Dissolve-se o sulfato de cobre em 25 litros de água. Noutra vasilha prepara-se leite de cal derregando a cal em 5 litros de água muito quente. Deita-se pouco a pouco o petróleo no leite de cal mexendo enèrgicamente com uma vassoura, por forma a formar-se uma pasta fraca, mas muito homogénea. Adiciona-se esta pasta à solução de sulfato de cobre mexendo constantemente e junta-se água até prefazer 100 litros de emulsão.

Para os limoeiros, laranjeiras e tangerineiras deve aplicar-se calda sulfo-cálcica.

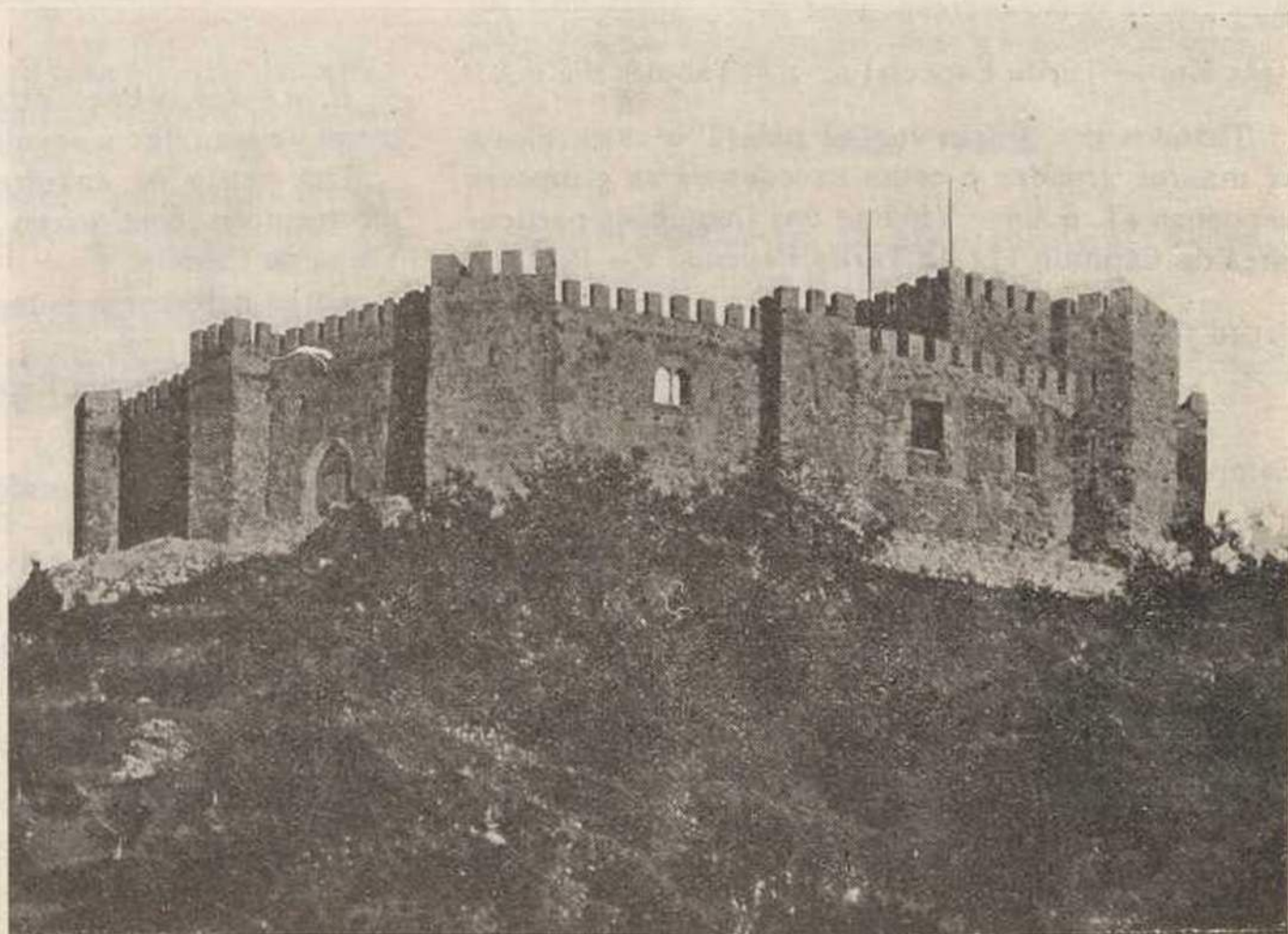
A composição da calda sulfo-cálcica é a seguinte:

Enxofre	1 kg.
Cal	2 kg.
Água	10 litros

Modo de preparar esta calda:— Desfaz-se o enxofre num pequena porção de água, de forma a obter uma pasta homogénea. Derrega-se numa outra vasilha, de uns 20 litros de capacidade, a cal, e adiciona-se água quente; deita-se gradualmente a pasta de enxofre, mexe-se e junta-se o que faltar de água até prefazer os 10 litros. Põe-se a vasilha ao lume e deixa-se ferver brandamente durante 45 minutos, adicionando a água que se fôr evaporando de forma a manter constante o seu nível. Filtra-se ou decanta-se, depois de arrefecida. Emprega-se diluindo 3,5 litros desta calda concentrada em 100 litros de água.

É da forma como forem executados os trabalhos respeitantes às 3 operações fundamentais — plantação, poda e tratamento — que depende a boa conservação das árvores, abundante produção e recolha de bons frutos.

Castelo de Pombal



Consultas e Documentos

CONSULTAS

Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 834 — Peço dizer-me se o processo de taxa, que a seguir discrimino, está certo.

Um vagão J (dos novos) com 7 cavalos, 9 muares grandes e 5 muares pequenas, de Santarém para Castelo Branco.

155 K. — Tarifa Especial n.º 1 — Tabela 2 e 2 A

Preço T. 2	$16\$74 \times 11$	184\$14
» 2 A	$2\$10 \times 11 \times 8$	184\$80
	$1\$40 \times 11 \times 5$	77\$00
		445\$94
Sêlo		22\$52
Assistência		\$15
		468\$61
Adicional de 10%		46\$87
Manutenção $8\$00 \times 2$		16\$00
Registo		1\$00
Aviso de chegada		5\$00
Arredondamento		\$02
		537\$50
Desinfecção		15\$00
Total		552\$50

R. — Não está certo o processo de taxa apresentado. Segue como corresponde:

155 Km. — Tarifa Especial n.º 1 — Tabelas 2 e 2 A

Taxados como dois vagões pela T 2 os cavalos e as muares grandes e como excedentes as 5 muares pequenas (T. 2 A.) — Vidé 3.ª das Condições particulares do Capítulo III da Tarifa Especial 1 — P. V.

Preço	$16\$74 \times 11 \times 2$	368\$28
»	$1\$40 \times 11 \times 5$	77\$00
		445\$28
Comp. do imp. ferroviário (sêlo)		22\$49
» » » » (assistência)		\$15
		467\$92
Adicional de 10%		46\$80
Manutenção $8\$00 \times 2$		16\$00
Registo		1\$00
Aviso de chegada		5\$00
Arredondamento		\$03
		536\$75
Desinfecção		15\$00
Total		551\$75

P. n.º 835 — Peço dizer-me se está certo o processo de taxa que discrimino a seguir.

20 sacos de açúcar refinado — 1.500 Kg. — de Gaia para Espinho.

16 Km. — Tarifa Especial n.º 1 — Tabela 6

Preço	$1\$06 \times 6 \times 1,5$	9\$54
Sêlo		\$49
Assistência		\$15
		10\$18
Adicional de 10%		1\$02
Manutenção $(2\$50 + 4\$00) \times 2 \times 1,5$		19\$50
Registo e aviso de chegada		2\$00
Total		32\$70

R. — Está errado o processo de taxa apresentado. Segue como corresponde:

16 Km. — Tarifa Geral 1.ª classe, por resultar, da sua aplicação, preço de transporte mais económico.

Preço	$98 \times 6 \times 1,5$	8\$82
Adicional de 10%		\$89
Manutenção $(2\$50 + 4\$00) \times 2 \times 1,5$		19\$50
Registo		1\$00
Aviso de chegada		1\$00
Arredondamento		\$04
Total		31\$25

P. n.º 836 — Peço dizer-me se está certo o processo de taxa que a seguir discrimino.

Um vagão de enxofre para fabrico de produtos pirotécnicos, com 10.000 quilos, de Campanhã para Viana do Castelo.

Carga e descarga pelos donos.

82 Km. — Tarifa Especial n.º 1 — Tabela 11

Preço	$\left(2\$38 - \frac{10}{100} \times 2\$38 \right) \times 11 \times 10$	235\$62
Sêlo		11\$90
Assistência		\$15
		247\$67
Adicional de 5%		12\$39
Manutenção $2\$50 \times 2 \times 10$		50\$00
Registo		1\$00
Aviso de chegada		5\$00
Arredondamento		\$04
Total		316\$10

R. — Está errado o processo de taxa apresentado. Segue como corresponde:

82 Km. — Tarifa Especial n.º 1 — Tabela 11, com adicional de 10,0% conforme nota 4 da Circular n.º 894.

Preço $\left(2\$38 - \frac{10}{100} \times 2\$38 \right) \times 11 \times 10 \dots$	235\$62
Comp. do imp. ferroviário (sêlo)	11\$90
» » » » (Assistência)	\$15
	247\$67
Adicional de 10,0%	24\$77
» » 5,0%	13\$63
Manutenção $2\$50 \times 2 \times 10 \dots$	50\$00
Registo	1\$00
Aviso de chegada	5\$00
Arredondamento	\$03
Total	342\$10

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Tarifa Especial n.º 5 — Passageiros — Bilhetes de entrada nos cais de embarque das estações — Bilhetes para utilização dos ascensores da estação de Lisboa-Rossio — Licenças para transitar a pé na linha férrea.

Aditamento n.º 101 à Classificação Geral — Altera o tratamento tarifário das rubricas «açúcar refinado (ou moído)» «açúcar em rama» e «bacalhau seco».

Aditamento n.º 102 à Classificação Geral — Altera o tratamento tarifário de várias rubricas, entre as quais ardósias, azulejos, telhados, tubos, etc.

Aviso ao Público A n.º 833 — Anula a Tarifa de Camionagem entre a estação de Sintra e o Despacho Central de Colares e anuncia a entrada em vigor do Complemento à Tarifa de Camionagem que passará a reger o serviço de Camionagem em referência.

Aviso ao Público A n.º 834 — Regula a venda de bilhetes simples e despacho directo de bagagens entre as estações de Lisboa-Rossio e Madrid-Delícias, para o comboio rápido «Lusitânia Expresso».

Aviso ao Público A. n.º 835 — Anuncia novo horário para a abertura e encerramento das estações.

Aviso ao Público A n.º 836 — Anula o Aviso ao Público A n.º 832, sobre transporte de lenha e madeira, destinadas a Cais do Rêgo.

28.º Complemento à Tarifa de Camionagem — Estabelece preços de camionagem para o transporte de passageiros, bagagens e mercadorias entre a estação e o Despacho Central de Loulé.

51.º Complemento à Tarifa de Camionagem — Estabelece preços de camionagem para o transporte de mercadorias entre a estação de Sintra e o Despacho Central de Colares.

Circular n.º 996 — Menciona as entidades às quais é permitida a entrada gratuita nos cais de embarque das estações.

II — Fiscalização e Estatística

Carta-Impressa n.º 366 — Relaciona os passes, bilhetes de identidade e anexos extraviados durante o mês de Junho p. p. e que devem ser apreendidos.

Carta-Impressa n.º 367 — Relaciona os passes, bilhetes de identidade e anexos extraviados durante o mês de Julho p. p. e que devem ser apreendidos.

Carta Impressa n.º 368 — Refere-se ao extravio frequente dos documentos de tesouraria enviados pelas estações e falta de devolução de documentos por pagar dentro do prazo, recomendando o assunto às estações e advertindo-as de que por estas faltas, se se repetirem, serão os responsáveis punidos severamente.

Carta Impressa n.º 369 — Relaciona os passes, bilhetes de identidade, anexos e bilhetes de assinatura extraviados durante o mês de Agosto p. p. e que devem ser apreendidos.

Carta Impressa n.º 370 — Comunica ter sido concedida a redução de 50% sobre os preços da Tarifa Geral para o transporte das pessoas que vão assistir ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, em Córdova, nos dias 3 a 10 de Outubro.

III — Movimento

Comunicação-Circular n.º 823 — Índica as composições dos comboios n.ºs 1001 e 1003.

Comunicação-Circular n.º 824 — Trata da aquisição de 5 leitos de vagões de propriedade particular.

IV — Serviços Técnicos

Instrução n.º 2406 — Trata da nova sinalização da estação de Outeiro.

Instrução n.º 2407 — Refere-se à sinalização provisória da linha de Vendas Novas junto à estação de Setil, por motivo da construção da ponte entre o Km. 0,100 0,500 e abertura à exploração da concórdia da linha de Vendas Novas com a linha de Leste pelo lado Norte.

Factos e Informações

Os caminhos de ferro e a guerra

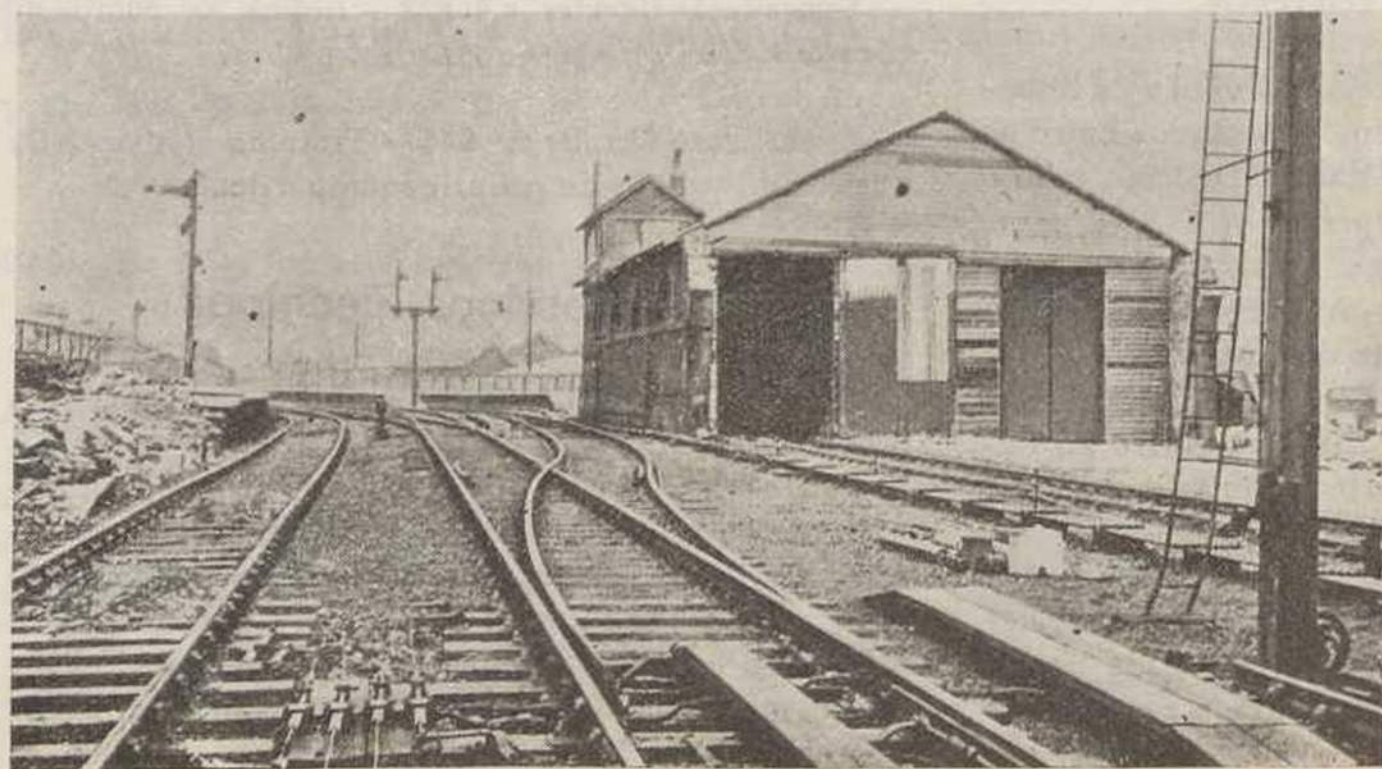
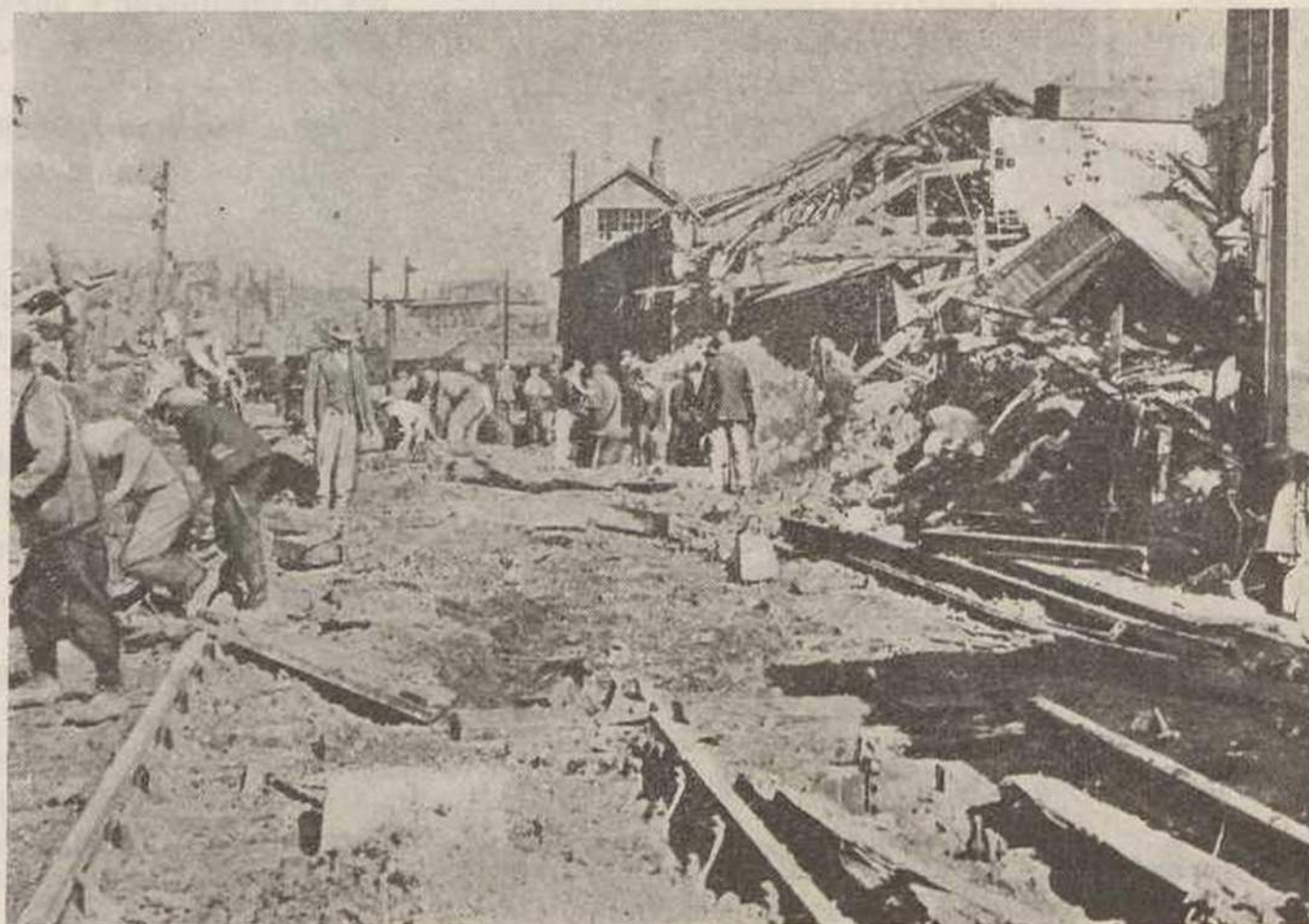
O caminho de ferro tem sido a vítima preferida dos bombardeamentos; as instalações ferroviárias, nos países beligerantes, constituem um dos alvos escolhidos nos ataques aéreos. Arrasar estações, desmantelar linhas, destruir locomotivas, é a preocupa-

ção do inimigo. Mas é preciso servir, custe o que custar. No cumprimento da sua importante missão, está a defesa da pátria. Por isso, quantos esforços, quanta tenacidade se tem exigido aos caminhos de ferro!

As fotografias que a seguir publicamos confirmam estas palavras.

Um ataque aéreo, em país beligerante, destruiu em poucos segundos uma estação.

Passado o perigo, brigadas de ferroviários começam a trabalhar e...

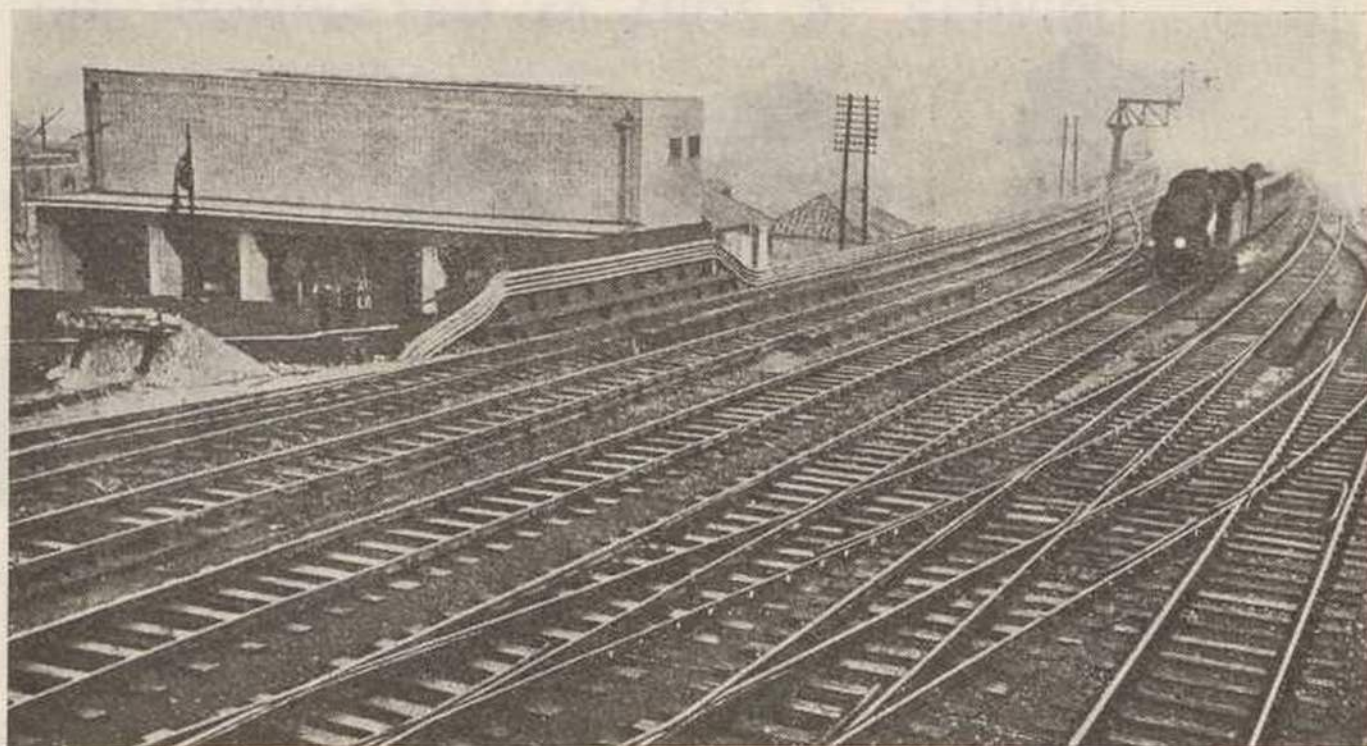


...em poucas horas, os carris, devidamente assentes, aguardam a passagem dos comboios



Em importante esta-
ção de entronca-
mento, uma bomba
provocou estragos
de gravidade.
Dezenas de metros de
carris foram ar-
rancadas...

...mas passadas horas
estavam assentes
com perícia, outras
tantas dezenas de
metros de carris,
sobre os quais ro-
davam os combóios.



Numa estação de país beli-
gerante, fôrças armadas
aguardam a hora da par-
tida. A locomotiva é tam-
bém uma fôrça com que
se pode contar.

A nossa casa

Saiba aproveitar!

Casacos e camisolas de malha

Acontece que os casacos, camisolas e outras peças de vestuário, de malha, se não estragam por igual. Muitas vezes já os coto-vêlos se querem romper e ainda o corpo está como novo. É muito fácil desmanchar essas peças e com a mesma lã (só, ou combinada com outra) fazer agasalhos... novos.

Mas para que o trabalho fique perfeito, é necessário saber dar-lhe as voltas devidas.

À medida que se desmancha a malha, vai-se enrolando nas costas duma cadeira. Obtem-se assim uma ou mais meadas, que se lavam em água de sabão depois em água clara; para as lavar, basta mergulhá-las na água e agitá-las, durante bastante tempo, sem esfregar. Depois, espremem-se entre duas toalhas turcas, enfiam-se novamente nas costas da cadeira e deixam-se secar completamente. Quando estiverem bem secas, dobam-se, e a lã está como nova, sem ser frisada, e perfeitamente limpa.



À esquerda: Vestido de casaco, de lã lisa, guarnecido com pele de pêlo curto. As aplicações de pele podem, no entanto, ser substituídas por bordado. O largo cinto fecha na frente com uma fivela. A saia é cortada em dois panos quási direitos. — *Ao centro:* Casaco de lã lisa, cortado em panos a geito. Grossos pespontos sublinham os cortes. — *À direita:* Vestido de lã lisa com gola e os bolsos bordados a branco. Saia a geito.

(Desenhos originais de Carlos Benedy, Desenhador da Via e Obras).

Pessoal

Actos dignos de louvor

Foram louvados: o Assentador do distrito n.º 233 (Messines) José Guerreiro Louzeiro e a Guarda auxiliar da P. N., ao Km.º 286,170 - Sul, do mesmo distrito, Florentina Natália Sebinha, o primeiro, pela atitude que tomou, apesar de estar doente, de ter comparecido imediatamente ao Km.º 287,000 - Sul, quando do descarrilamento do comboio de serviço 1-2 de 30 de Junho último, onde trabalhou até final, e a segunda por se ter mantido serena no seu posto, exposta aos destroços projectados pelo material descarrilado do

mesmo comboio e ter prestado bom serviço com o sinal de paragem feito a esse comboio.

Agradecimento

Pedem-nos a publicação do seguinte agradecimento:

«Não pretendo ferir a reconhecida modéstia do Ex.º Sr. Dr. Victor da Guerra Semêdo, médico da 4.ª Secção, em Vale de Figueira, mas sim tornar pública a minha eterna gratidão pela forma competente diligente e assídua, como me tratou de uma grave

AGENTES QUE COMPLETAM 40 ANOS DE SERVIÇO



David Abraham Cohen

Chefe da 2.ª Circunscrição da Exploração
Admitido como Praticante de Factor
em 1 de Março de 1904.
Tem sido várias vezes louvado por bons
serviços prestados.



Ivo Estrêla Carneiro

Inspector dos Trabalhos Tipográficos
Admitido como Compositor
em 1 de Maio de 1904.



José Dias da Silva

Condutor Principal, de Lisboa
Nomeado Carregador
em 18 de Abril de 1904.



Carlos Joaquim Pratas

Continuo de 2.ª classe
Admitido como Ajudante de pintor
em 30 de Junho de 1904.



Emília Ferreira

Guarda do distrito n.º 46, Paialvo
Admitida como Guarda de P. N.
em 26 de Setembro de 1904.

doença, que me obrigou a guardar o leito por bastante tempo, em estado que inspirava cuidados.

Outrosim, a todos os camaradas e pessoas amigas que me visitaram e a todos que se interessaram pelas minhas melhoras, lhes dirijo os meus maiores agradecimentos. — *João Amaro*, Chefe de 2.^a classe, de Vale de Figueira.»

Exames

EXPLORAÇÃO

Em Julho

Condutores de 2.^a classe para Condutores de 1.^a classe:

Aprovados: Silvério Gaspar, Bernardino Soares Couto, Manuel dos Santos Gomes, Joaquim dos Santos Soares, José Rodrigues, José João Júnior, Ricardo da Silva e Manuel António Machado.

Guarda-freios de 1.^a classe para Condutores de 2.^a classe:

Distintos: António José Vaz, Carlos Teixeira Zagaló e Francisco Ferreira Bota.

Aprovados: José Anes, Joaquim Manuel, Fortunato Figueiredo e Serafim da Encarnação.

Guarda-freios de 2.^a classe para Guarda-freios de 1.^a classe:

Distinto: António Faria dos Santos.

Aprovados: Manuel António de Sousa, Manuel José Pires, José Mendes Ferro, Joaquim Ramos, José das Neves, Joaquim Pimentel Girão, António Pina Pacheco, José Lopes Pinheiro, Manuel Pereira, Manuel Feliciano Oliveira, António Barata, Pedro Cardoso da Silva, Joaquim Augusto Nabais, António Roque, Francisco Lemos Tarrafa, José Correia Costa Júnior, Bartolomeu Lopes Ramos, Serafim Jorge Lobo, José António Miguel, António da Silva Pinto, José Maria da Costa e Silva, António de Sousa Campos, Augusto de Sousa, António de Sousa Campos, Albino Soares, Ricardo Justino Barbado, Domingos da Silva Claudino, António José Machado e Bento de Oliveira Lopes.

Guarda-freios de 3.^a classe para Guarda-freios de 2.^a classe:

Distintos: João Lopes Barbeiro, João Ferreira, Amâncio Vaz das Neves, António da Silva e Luís Aurélio dos Santos.

Aprovados: António José da Costa, Álvaro Martins, Pedro Lopes Velho, Amável Monteiro Feijão, João Pires Mendes, José Ferreira de Andrade, António Gonçalves Sousa, Fernando Nascimento Alves, Laureano Alcobia, Luciano Gomes da Silva, Américo Ferreira, António Parracho Júnior, Manuel de Sousa Seródio, José Maria Alves, João Dias Pires, António Pereira de Brito, José Pereira Lopes, Manuel Guerreiro de Matos, Joaquim Antunes, Francisco Dias, Alberto de Sousa Martins, Serafim António, João

Cotovio, Bento Coelho Dias Ferreira, Ernesto José Vieira, Artur Rodrigues, Artur Machado, José Manuel de Campos e Henrique Pereira de Sousa.

Agentes com cartão para Guarda-freios de 3.^a classe:

Aprovados: Armando Manuel Maria e Eugénio Ribeiro Martins.

Agentes aprovados no concurso para Sub-Inspectores:

José Júlio Gouveia, Henrique Sanches de Miranda, Domingos Carlos da Silva, Carlos de Azevedo, António Simões e Bernardino Coutinho Oliveira Fonseca.

Promoções

EXPLORAÇÃO

Em Julho

Chefes de Circunscrição: Adriano Augusto Monteiro e David Abraham Cohen.

Sub-Inspector de Contabilidade: Manuel Azevedo Pereira.

Chefes Principais: Joaquim Alves Carneiro, José Vicente Bomba, Filipe Vaz do Nascimento Bandeira, Artur de Castro Ferraz, Luís Gonzaga de Oliveira Marques, Diamantino da Graça e Albano da Costa Malagueta.

Chefes de 1.^a classe: António Baptista Ferreira, Ivo da Costa, Alberto Magalhães Couto, José Augusto Ferreira Reis e João Sebastião Sérgio Iria.

Chefes de 2.^a classe: António Marques, José da Fonseca, Hermínio Pintão, Eduardo Ferreira da Costa, José das Neves Graça, Franquelim do Nascimento Pereira, Raúl Paulo de Vasconcelos, Augusto Cândido de Almeida e Manuel Vinagre.

Chefes de 3.^a classe: José Rodrigues da Silva Valente, Crisógno Costa, Joaquim Bento Taborda, Leonel Dias Agudo, Júlio dos Santos, Humberto Costa, António Monteiro de Araújo Miranda, António Carita Diniz, Américo Sebastião Coelho e João Pompeu Maurício.

Factores de 1.^a classe: João Henriques Carvalho, António Antunes de Oliveira Matos, António Duarte Ideias, José Angelo Moreira da Silva, António Rodrigues, Joaquim Veríssimo, Bernardo Aires Madeira, António da Silva, Augusto Soares Nogueira, Sezinando Osório da Fonseca, António Alves Teixeira, António dos Reis Neto, Celestino Jesuíno Enguiça, Francisco Vicente Martins, Egas Moniz Viegas, António Estêvão Rendas, José Quaresma de Matos e Mateus Vaz dos Santos.

Factores de 2.^a classe: António Alves do Rio, José Marques Daniel, Angelo Paulo da Silva, António Martins de Aguiar, António Adriano, António Lisboa Simões, Joaquim Dias Leitão, Francisco da Costa Nunes, João Filipe, António de Oliveira Sousa, José Vicente, Augusto Ferreira da Santa, Evaristo Simões

Louro, Francisco Alves Mano, Joaquim da Conceição Miranda, João Mendes Marques, Joaquim Duarte dos Santos, António Afonso de Sales, Luís António, João da Costa Ferreira, Bernardo Ferreira, Armando Pereira Pires, Apolinário Ramos, Augusto de Miranda Mendes Carvalho, José Santana Henriques, Martinho António Cardoso, José Maria da Fonseca, António Diniz, Óscar Hermes Penha Delca, Álvaro Rodrigues Soares, Francisco Dias Calado, César Rodrigues Martins e Manuel dos Santos Neves.

Telegrafistas Principais: António Correia, Aníbal Augusto Gouveia, Adolfo Rodrigues Soares e José Domingos Beleza.

Encarregado de Contabilidade: José Alfredo Pereira Viana.

Fiel Principal: António Martins Afonso.

Fiel de 1.^a classe: Amilcar Paiva.

Fiel de 2.^a classe: Adriano Martins Ribeiro.

Conferentes: Francisco da Costa Mendes, Joaquim Pereira, Manuel Esteves, Alberto Augusto Caldivano Patrício, Augusto Leite Azevedo e José Rodrigues.

Empregadas de 2.^a classe: Palmira Teixeira Alegre Laureano, Laurentina da Silva Sousa, Maria da Conceição Ferreira e Maria Louro.

Condutores Principais: José Dias da Silva, João Belo, José da Costa Lima e Honorato Lopes dos Santos.

Condutores de 1.^a classe: Teodósio Vieira, Joaquim Frade Real, Henrique Verão Caldeira e Luís Maria Leal.

Condutores de 2.^a classe: Francisco Farinha, Domingos Santos Florêncio, Joaquim Pires Alves e José Pereira de Sena.

Guarda-freios de 1.^a classe: Manuel Ferreira da Piedade, António Luís de Carvalho, Saúl Duarte dos Santos, Manuel Gonçalves, Alfredo Coelho, Miguel António de Vasconcelos e José Vieira.

Guarda-freios de 2.^a classe: José Pinto Pinheiro, Américo Soares Pinto, Alberto José da Silva e José Coelho.

Fiscais de Revisores: Vergílio António de Castro e Ernesto Martins de Lima.

Revisores Principais: Júlio Duarte Ferreira e Manuel Luís Correia.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Julho

Sub-Chefes de Depósito: Carlos José, José Duarte e André Oliveira Sande.

Chefe de Maquinista: António Jacinto Braz.

Maquinistas Principais: Carlos Morgado, João Duarte, João da Silva Cardoso e Manuel de Oliveira Júnior.

Maquinistas de 1.^a classe: Henrique Gavieiro Mendes, David José Marques, António Santiago Jú-

nior, António Mendes, João Piedade, Manuel Ferreira Peralta, António Carlos Duarte Soares e Manuel de Almeida.

Maquinistas de 2.^a classe: Celestino Tormenta, António Valério Baptista, João Antonino, Francisco António Balseiro, Manuel Inácio Moeda, António Augusto Primo, Mário Veiga, João Tomé Roxo, Adelino Matos Arrabaça, Vítor Gomes de Oliveira, Manuel dos Santos e José Bento Duarte.

Maquinistas de 3.^a classe: Américo Simões, Casimiro Domingos Costa, Francisco Duarte, Leopoldo Elias Soares, Manuel Claudio de Sousa, Manuel Carvalho de Oliveira, Artur da Silva, Joaquim da Cruz Silva, Joaquim Cândido da Silva, Francisco Vicente, Manuel Gameiro Júnior, Carlos Martins, Manuel Alves, António Vicente Júnior, Francisco da Conceição, José de Jesus Serrano, Manuel António Sapateiro Júnior, Manuel Luís Vicente, Amadeu Alves, Carlos Joaquim Maia, José Maria Vitorino, António Cardoso Rêgo, António do Couto Carvalho, Salvador Gonçalves, Alberto Mendes de Almeida, José Monteiro, Eduardo Fernandes de Sousa, José Moreira Bastos, Abel Machado Júnior, João Luís Martins, Francisco Teixeira Simões e José Gonçalves da Silva.

Fogueiros de 1.^a classe: José Joaquim da Luz, Victoriano dos Santos Almeida Júnior, Adolfo José Terjeira, Bernardino Gonçalves Justo Leão, Baltazar Loução, Júlio António Martins, José Carlos Júnior, Joaquim Rodrigues, João dos Passos Niza Júnior, Cristiano da Fonseca Júnior, Alfredo Joaquim José, Francisco Simões, Domingos Fernandes, Joaquim Figueiredo, Manuel de Oliveira Figueiredo, Nuno Alves, Manuel da Silva, Feliciano Alves Casquilho, Manuel da Graça, Francisco António Ribeiro, Manuel de Oliveira Estudante, Agostinho de Oliveira, António Agostinho Pereira, Jerónimo Pimentel Girão, Joaquim Carvalho Reis, Eugénio Eusébio, João de Matos Cebôla, Augusto José Pimenta de Oliveira, Francisco Mendes, Álvaro Simões de Almeida, João Albuquerque Júnior, Artur José Pinto, Mário Costa, Alcino da Silva, Manuel Francisco da Silva, Alberto Romãozinho, Francisco Monteiro de Campos, Josualdo José Quadrado, Manuel António Teixeira e Joaquim Ferreira Cardoso.

Contramestre de 2.^a classe: José Ferreira Pires.

Capataz de Manutenção de 1.^a classe: Manuel Ribeiro.

Capatazes de Manutenção de 2.^a classe: Francisco de Oliveira, António da Conceição, Victor da Silva Parra e João Caldeira.

Guarda de Depósito: António Roque Neto.

VIA E OBRAS

Em Julho

Guarda-fios de 1.^a classe: Vergílio Jesus Branco.

Sub-Chefes de Distrito: João Dionízio, João Eu-

frázio, Alfredo Joaquim Bacalhau, Augusto G. da Vinha, João António Geitoeira, Firmino Belo, Júlio J. Carneiro, José Rodrigues, Júlio Afonso, João Martins, António Monteiro, António da Silva Godinho e João Augusto Martins.

Nomeações

SECRETARIA DA DIRECÇÃO GERAL

Em Julho

Empregada de 3.^a classe: Ivone Maria dos Santos.

Em Agosto

Empregada de 3.^a classe: Hemengarda Romano Vinagre.

EXPLORAÇÃO

Em Julho

Sub-Agente Comercial: Armando José de Barros Teixeira.

Verificador de Contabilidade: João Antunes.

Servente de Escritório: Diamantino Monteiro Ferrôlho.

Factores de 3.^a classe: José Maria Fernandes, José do Carmo Coelho, António Pimentel, José Falcão Pereira Jacinto, Manuel Nunes, João Vicente Duque da Silva, Manuel de Oliveira, Joaquim da Costa Amieiro, António Lopes Policarpo, Fernando Barros de Oliveira Santos, Armando Castelhana Abrantes, António Domingos, António da Silva, Rogério de Sousa, José Simões Fernandes, Leandro da Cruz, Valentim Gonçalves Carvalho, José de Lemos Araújo, Manuel Farinha, José Ferreira Neto, Vítor Valente, José Barreira, Jacinto Simões, João Cordeiro Júnior, Cipriano Antunes Micael, João Simões, António Francisco Andrino Júnior, Manuel Marques Serra, Edmundo Diniz Ribeiro, Diamantino da Silva Ferreira, Josué de Matos Ferreira, Raúl Maudslay Costa, Apolinário Sebastião, José Luís Simões, Manuel da Luz, Manuel Ambrósio, Avelino Lopes Letras, Jacinto Nunes Abreu, José Teixeira Lobo, Alberto Marques Pinto, José Marques da Clara, Augusto Pimenta, José Coelho Campino, Manuel Alves, Jorge Teixeira de Almeida Casimiro, Hermilo José Nunes Júnior, José Bernardino Capela Marques, António Lopes Domingos, Francisco Agostinho Lourenço, Manuel Bernardo Júnior, Gabriel Ilídio Velho, Joaquim Maria Combo, Samuel Soares, José Ramos Pedro, Joaquim da Costa Durão, Hermínio Silveira Almeida, Manuel Simões, Américo dos Santos Gomes, Luís Ventura, Vergílio Leão Pires Mestre, João Cardoso Vilela, Custódio da Costa, Jerónimo Rodrigues Baptista, André António Elias Ferreira, Amadeu dos Santos, José Simões, Manuel Mendes Raimundo, António Joaquim Gonçalves, Álvaro Cabrita Guerreiro, António Moura

Marques Granja, Alfredo Simões, Ildefonso Carneiro de Macedo, José da Costa Martins, Adelino Jorge Pinheiro, Manuel da Ponte Maurício, Jacinto Lopes, Aragão Braga, Manuel Boto Barreiros, David Ferreira Pinto Júnior, Leandro José dos Santos Marques, Manuel André, Adelino Jorge, José Ferraz Coelho, José Felisberto Soares, Leonel José de Sousa, Serafim dos Santos Bêco, António Caetano Maceiras, Augusto Chambel, António de Matos, Arnaldo Rodrigues Fernandes Silvano, Francisco Teixeira de Sousa, Madaleno Gonçalves, Leopoldo José de Lemos, Artur Cardoso da Guia, Manuel Jorge das Neves de Carvalho, Armando Marques, Luciano Joaquim dos Santos, Gil Carias, Albino Ribeiro de Araújo, Augusto Lopes Mainha, Manuel Martins da Pomba, João Tavares Pereira, Agostinho Carmona Cardoso, João Cacela da Silva Marques, Guilherme de Sousa, Sebastião de Jesus Ramalhosa, Manuel Antunes da Fonseca, Josué Pereira Galvão, Bento de Matos, António Augusto Fernandes, Luís Augusto de Jesus, José Sebastião de Sousa, Joaquim dos Santos, Carlos Dias Marcelino, Acácio António Lourenço, Francisco de Oliveira, Horácio Augusto, João Moreira dos Santos Ferreira, José Baptista Viegas, Norberto dos Santos Gregório, João José Nunes Mourão, João Valente de Almeida, Gabriel Gonçalves de Oliveira, Aníbal Nunes do Nascimento, José António Marques, Francisco da Silva, Arnaldo Marques Machado, Joaquim Barreto Leite, António dos Santos, Simplício Galveias Alcaravela, António Coelho de Oliveira, Manuel Lourenço e Raúl Pimenta Gonçalves.

Aspirantes: José Rodrigues Falcão, Domingos Gonçalves, Luís da Graça, Francisco Calado Godinho, António Bicho, Manuel Jacinto Serrano, Francisco Roberto Mouco Júnior, Jorge Alves da Mota, António Mendes Geraldês, Florinando Cordeiro Valente, Joaquim Pires de Almeida, José Henriques Rebêlo de Andrade, Angelo José Gomes, Francisco Chambel, José Dias Gigante, António Manuel dos Santos, António Antunes, Armando Gonçalves Nogueira, António Marques Machado, Arnaldo de Oliveira Lopes, António Marques, José Fernandes Coutinho, Manuel Francisco Andrino, João Jacinto Catarino, João António, Evaristo Jorge, Joaquim Henriques, António da Silva Vieira, António Manuel da Silva Prôa, Etelvino Partas Duque, Ramiro Carvalho Correia Nunes, José Firmino Cabrita, João Bernardo, António da Conceição Vicente, João Carvalho Nunes, Alberto Gomes da Silva, Armindo Costa de Oliveira, António Antunes Pereira, Leonel dos Santos Martins, Joaquim de Almeida Paulo, Mário Ferreira da Silva, Francisco Lourenço Alfaiate, António Lopes Lúcio, José Pires Ribeiro, Jacinto Tavares de Castro, António Alexandre Pinto Castanheira, Augusto Jorge, Abel Cardoso, Mário Pombo Ribeiro, Luís Lopes Maia Cadete, Luís Antunes, Albino Pinto Rodrigues, José Augusto Cantante Tejana, Francisco Dias Duque, Júlio de Oliveira, Angelo Martins de Melo, Mário da Conceição Mendes e Jaime Alves Ribeiro.

Revisores de 3.^a classe: José Joaquim Fernandes, Manuel de Jesus Dias e José Ramos Bernardo.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Julho

Desenhador copista: José Maria da Silva Júnior.

Escrivão: José Fernandes de Oliveira.

Fogueiros de 2.^a classe: Manuel Francisco Tichana, José de Sousa, Amadeu da Silva Roque, José Caetano de Abreu, Manuel Rodrigues Bexiga, Joaquim José, Rossel Gomes, Silvino Ferraz Limede, António da Costa Completo, Joaquim Maria, Luís Rodrigues, António João Mateus, Amílcar Martins da Silva, José Marques Ramalheite, José Joaquim Pereira, José Pereira, Joaquim da Costa Simões, Vergílio Pereira, José de Sousa Noro, Valentim Macedo da Silva, Luís de Jesus Ferreira, Gregório Nicolau, Agostinho Antunes, Silvestre Caetano Leal Vasco, José Gomes Simões, José Bento, Ernesto Lopes Antunes, António Duarte, Manuel dos Santos, Manuel da Silva Junqueira, Alfredo Marques, Carlos Henriques Marques, Álvaro Alves Lopes, Manuel Correia de Araújo, José Mendes, Joaquim Moreira dos Santos, Armandino Sousa Fernandes, Manuel Tavares de Lima, Frederico Ferreira Pinto, Armindo Augusto Vieira da Silva, António Joaquim Mendo, Joaquim António Afonso Melim, António de Barros Júnior e Manuel Pereira da Rocha.

Ensebadores de 2.^a classe: Florêncio da Silva Martins, Teófilo dos Santos Chicharo, Francisco Braz, José Paulo, Tomé Alfredo Marques, José Felix Palheiro, António de Jesus, Armindo Fernandes, Manuel da Conceição Pereira, Fernando António Rodrigues e José de Barros Lima.

Chefes de brigada de 1.^a classe: José Pinto Cairú, António Braz, Francisco Pereira, Ernesto Matos Cebola, Henrique de Jesus, António José Pereira da Silva, Alfredo Monteiro Fernandes, Serafim Manuel Pereira, Artur Pereira da Silva, Joaquim Pereira da Conceição e Álvaro Pereira Viana.

Limpador: Mário Rodrigues Carvalho.

Motoristas: Júlio dos Prazeres Pereira, Adelino Maria de Freitas e António Lopes.

VIA E OBRAS

Em Fevereiro

Auxiliar Permanente «adido»: Alberto Valério.

Em Julho

Empregado de 1.^a classe: Manuel Álvaro Fernandes Marques.

Empregado de 2.^a classe: José Maria Seixas de Sousa Neves.

Condutor de «draisines» de 2.^a classe: Joaquim José Mateus, Manuel dos Santos Novo e Reinaldo dos Reis Moço.

Assentador: Manuel Pereira Rezende.

Mudanças de categoria

EXPLORAÇÃO

Em Julho

Para:

Empregado de 2.^a classe: o Caixeiro de Viveres de 1.^a classe, Rogério Baptista Alves Carneiro.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Julho

Para:

Capataz de Manutenção de 2.^a classe: o Acendedor Francisco da Conceição Seabra Travanca.

Reformas

EXPLORAÇÃO

Em Maio

José Francisco Netas, Factor de 1.^a classe, Caldas da Rainha.

Em Junho

José da Silva, Guarda, de Lisboa P.

Eduardo Lourenço, Guarda, de Setil.

Maximino Rodrigues, Carregador, de Gaia.

Manuel Antunes Pereira, Carregador, de Pombal.

Em Julho

Mário José de Macedo, Empregado Principal da 3.^a Circunscrição.

António Maria da Silva, Factor de 2.^a classe, de Lisboa R.

José Estêvão Gouveia, Fiel de 2.^a classe, de Lisboa R.

António Lucas Machado, Agulheiro de 3.^a classe, de Lourical.

Alberto Mendes de Jesus, Guarda de P. N., de Entroncamento.

Avelino Pereira Mendes, Carregador, de Porto.

Alexandre Tavares, Carregador, de Estarreja.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Julho

Manuel José de Sousa, Empregado Principal.

Júlio Mendes Soares, Maquinista de 1.^a classe.

Manuel Nunes, Maquinista de 2.^a classe.
Francisco Magalhães, Maquinista de 3.^a classe.
Blanqui Jorge, Visitador de Máquinas de 3.^a classe.
Joaquim Dias, Guarda.
Delfim Moreira, Limpador.

VIA E OBRAS

Em Julho

João Ferreira, Chefe de distrito n.º 45, Paialvo.
António Maria Figueirinhas, Assentador do distrito n.º 400, Campanhã.
Francisco Valério Patinha, Sub-Chefe do distrito n.º 118, Fratel.
Manuel Lúcio Cordeiro, Empregado de 1.^a classe do Depósito de Materiais, Entroncamento.
Ana da Silva, Guarda do distrito n.º 127, Fundão

Falecimentos

EXPLORAÇÃO

Em Julho

† *Frutuoso dos Santos Filipe*, Escriurário de 1.^a classe, de Régua.
 Foi admitido como Carregador auxiliar em 28 de Maio de 1909, nomeado Carregador efectivo em 1 de Fevereiro de 1911 e Guarda de dia em 14 de Outubro de 1910. Passou a Escrevente de estação em 22 de Novembro de 1915 e foi promovido a Escriurário de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1928 e a Escriurário de 1.^a classe em 1 de Fevereiro de 1930.
 † *António Gomes Trindade*, Factor de 1.^a classe, de Santarém.
 Foi admitido como Praticante em 8 de Dezembro de 1919, nomeado Factor de 3.^a classe em 1 de Julho

de 1920 e promovido a Factor de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1927 e a Factor de 1.^a classe em 1 de Julho de 1941.

† *Álvaro de Sousa*, Faroleiro, de Lisboa-P.
 Foi nomeado Carregador em 1 de Novembro de 1918 e Faroleiro em 21 de Abril de 1937.

† *Joaquim Gonçalves Gadelha*, Carregador, de Entroncamento.

Foi admitido como Carregador suplementar em 10 de Fevereiro de 1924 e nomeado Carregador do quadro em 21 de Outubro de 1926.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Julho

† *Alfredo Jobling Júnior*, Maquinista de 2.^a classe, no Depósito de Campolide.

Admitido ao serviço em 8 de Dezembro de 1925, como Montador, foi nomeado Fogueiro de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1927 e promovido a Maquinista de 2.^a classe em 1 de Julho de 1938.

† *Vitor Manuel Marques*, Limpador, no Depósito de Entroncamento.

Admitido ao serviço em 7 de Janeiro de 1928, como limpador suplementar e ingressou no quadro em 1 de Dezembro de 1928 com a mesma categoria.

VIA E OBRAS

Em Julho

† *Antero da Cruz Ribeiro*, Assentador do distrito 132, Benespera.

Admitido como Auxiliar em 29 de Janeiro de 1935, passou a Auxiliar permanente em 21 de Janeiro de 1940 e foi nomeado Assentador em 16 de Julho de 1941.



† Alfredo Jobling Júnior
Maquinista de 2.^a classe



† Vitor Manuel Marques
Limpador



† Álvaro de Sousa
Faroleiro



† Joaquim Gonçalves Gadelha
Carregador

18 — **Princípios aritméticos** — Numa divisão o divisor é 53 e o resto 26. Aumentando ao quociente 5 unidades, que quantidade se deve adicionar ao dividendo para que o resto da divisão seja 18?

* * *

19 — **Problema velho** — Uma parede de 13 metros de altura vai ser escalada, pachorrentamente, por um caracol, que sobe, verticalmente, 2 metros de dia e desce 1 de noite. Quanto tempo leva o caracol a subir a parede?

* * *

Adivinhas :

20 — Tenho côr de penitente,
conservo barbas crescidas;
em minhas roupas compridas
me furto aos olhos da gente.
Cumpro a lei do Onnipotente,
firme na excelsa bandeira,
contudo, em branda fogueira,
muitas vezes me dão fim,
porque sabem que de mim
tem nascido muita freira.

21 — Quatro ranchos me perseguem,
que imensas mortes tem feito,
e muitas vezes do peito
tirar-me sangue conseguem;
não temo que êles me entreguem,
pois com todos vivo em paz;
qualquer dêles armas traz,
uns aos outros dão socorro,
e quando sôbre êles corro
nem um só me fica alraz.

* * *

Enigmas tipográficos :

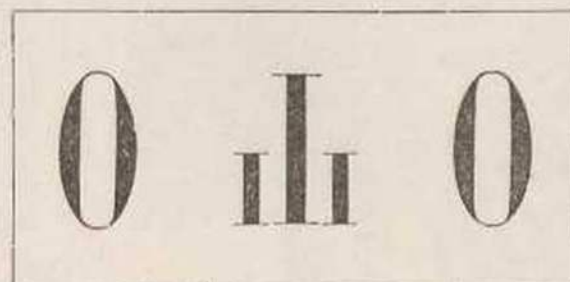
22 —



(11)

A Britabrantes

23 —



(26)

Tabela de preços dos Armazens de Víveres, durante o mês de Setembro de 1944

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz mercantil kg.	3\$65	Feijão branco miúdo lit.	3\$80	Queijo tipo flamengo kg.	22\$50
» Gigante de 2. ^a »	3\$65	» » apatalado »	4\$00	Sabão amêndoa »	1\$80
» Gigante de 1. ^a »	4\$40	» frade . lit. 2\$70, 3\$00 e	3\$20	» Imperial »	3\$60
Açúcar de 1. ^a »	4\$80	» manteiga lit.	3\$70	» Offenbach »	3\$80
Azeite extra lit.	9\$80	» avinhado »	3\$60	» Oleina »	4\$20
» fino »	9\$30	» S. Catarina »	3\$70	» Corrente »	4\$20
Bacalhau Inglês kg.	variável	» vermelho »	3\$50	» Especial »	6\$30
» Nacional »	»	Lenha kg.	\$40	Sal lit.	\$60
Batata »	»	Manteiga »	28\$50	Toucinho kg.	11\$40
Carvão de sôbro »	\$95	Massas kg. 4\$60 a	8\$40	» entremeado »	13\$60
Cebolas »	variável	Óvos dúz.	variável	Vinagre lit.	2\$30
Chouriço de carne »	22\$80	Presunto kg.	21\$00	Vinho branco »	2\$30
Farinheira kg.	14\$50	Queijo do Alentejo »	22\$50	Vinho tinto »	2\$30
Feijão amarelo lit.	3\$60	» da serra »	22\$50		

Os preços dos gêneros sujeitos a imposto são acrescidos desse imposto.

Êstes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Além dos gêneros acima citados, os Armazens de Viveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres, e também tecidos de algodão, malhas, atalhados, fazendas para fato, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

Quem for económico deverá abastecer-se nos Armazens de Viveres, com o que contribuirá, também, para a prosperidade da sua Caixa de Reformas, que representa o futuro de todo o funcionário ferroviário

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números deste Boletim não se vendem avulso.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim deverão contribuir com a importância anual de 12\$00, a descontar mensalmente, receita que constituirá um fundo destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos, por via hierárquica, à Secretaria da Direcção (Boletim da C. P.).